

NÔVO INSETO GALICOLA, *PHACOSEMOIDES*
SICKI, G. N., SP. N. (Homoptera, Psyllidae,
Ciriacreminae)*

A. M. DA COSTA LIMA e NEIDE GUITTON

Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Guanabara

(Com 6 figuras no texto)

Há tempo o Sr. Helmut Sick, da Fundação Brasil Central, entregou-nos para exame pedaços de galhos de uma planta silvestre, tendo presos alguns corpúsculos esferóides, de cêrca de 1 cm de comprimento no maior eixo.

O material foi por êle colhido na região do Rio Tapajoz (Est. do Pará).

O Sr. Sick, ao ver a planta portadora de tais corpúsculos, julgou que êstes fôssem frutos da mesma. Porém cortando alguns, viu que tinham para dentro da casca pouco espessa uma cavidade onde se alojavam alguns adultos e ninfas, de um Homóptero da família Psyllidae.

Por carta de 23 de agosto de 1960 comunicamos ao Sr. Sick tratar-se realmente de um Psilideo cecidógeno, isto é, do agente formador das galhas ou cecídias das quais retirara os insetos que nos entregou para estudo.

Sem dúvida a colheita do material foi feita pouco tempo antes de se efetuar a ruptura das galhas, que permitiria a liberação dos insetos adultos.

No livro de COSTA LIMA (1942 — *Insetos do Brasil*, 3:98), encontra-se uma possível explicação da deiscência que ocorre nas galhas fechadas dos Psilídeos.

É pena que Sick não tenha podido obter a identificação da planta silvestre portadora das galhas.

Lendo no livro de HOUARD (1933) a descrição das cecídias produzidas por Psilídeos no Brasil, aliás quase tôdas estudadas por TAVARES, não encontramos uma que correspondesse exatamente ao aspecto das galhas por nós examinadas.

* Recebido para publicação a 1 de setembro de 1961.

Trabalho do Instituto Oswaldo Cruz (Divisão de Zoologia Médica).

Infelizmente deixamos de descrever tais galhas porque o vidro em que as tínhamos guardadas inexplicavelmente não mais foi encontrado em nossa coleção.

Podemos entretanto dizer que, pelo aspecto e coloração, lembravam realmente frutinhas já murchas, presas aos galhos, de parede pouco espessa. Em 6 galhas que abrimos encontramos duas somente com adultos (uma com 1 e outra com 2), duas com ninfas (uma com 2 e outra com 3) e duas, em cada, com 1 forma adulta e 1 ninfa.

O Psilídio, a ser descrito linhas adiante é sem dúvida uma espécie nova da sub-família Ciriacreminae Enderlein, 1910.

Examinando os trabalhos dos vários autores que estudaram esta sub-família,* chegamos a conclusão de que os nossos exemplares deveriam pertencer ao gênero *Phacosema* Kieffer, 1906 e não a *Ciriacremum* Enderlein, 1910, como primeiramente havíamos pensado.

Para o seu novo gênero KIEFFER criou a sub-família Phacoseminae.

CRAWFORD judiciosamente disse:

“This genus is unmistakably related closely to *Pachypsylla* in nearly all its characters except the venation, in which it is similar to *Ceriacremum*. Because of this similarity it has hitherto been grouped with the latter genus, but relation is only in the wing venation, whereas all the rest of the anatomical characters, even the shape of the wing, point to its affinity with *Pachypsylla*. By some unaccountable error Enderlein, in his paper on the *Psyllidae* of *Kilimandjaro*, separated this genus from Kieffer's *Phacosema* by the absence of the cubital petiole. Buckton's original description and accompanying figure clearly show that this is not true. As a matter of fact, these two species, *Phacopteron lentiginosum*, Buckt., and *Phacosema gallicolla*, Kieffer, are undoubtedly not only congeneric but also very closely related specifically. Until I have further evidence, however, than Kieffer's description, I will not merge the two genera.”

Concordando com CRAWFORD, também não vemos razão para separar *Phacosema* de *Phacopteron*. Assim, considerando *Phacosema* sinônimo de *Phacopteron*, os nomes Phacoseminae Kieffer ou Phacosemini Enderlein passam para a sinonímia de Ciriacreminae. Aliás, o principal caráter assinalado por ENDERLEIN para a sub-família Ciriacreminae, isto é, a presença de um dente mais ou menos saliente na base da tíbia das pernas posteriores, também deve existir em *Phacopteron*. Houve pois, outro engano na chave de ENDERLEIN, além do já assinalado por CRAWFORD, qual o de incluir os gêneros *Phacopteron* e *Phacosema* na divisão 6 de sua chave.

“Hintertibien unbewehrt (apex der Vorder flügel gerundet). Tribus: Phacosemini Kieff., 1906)”.

E isso dizemos porque o dente basal na tíbia posterior também se encontra seguramente em *Udamostigma guineensis* (Aulmann, 1912) primeiramente classificado por este autor no gênero *Phacosema*; aliás, gênero este muito próximo de *Udamostigma* (Enderlein, 1910), o qual

* A sinonímia desta subfamília em: *Psyllidarum Catalogus*, de AULMANN, 1913.

na chave organizada por ENDERLEIN (1910) foi colocado na divisão em que se incluem gêneros cujas espécies são portadoras do referido dente. Também, de acôrdo com CRAWFORD, achamos que o principal caráter de Ciriacreminae (não "*Ceriacreminae*" como habitualmente escrevia CRAWFORD), é o seguinte:

"Forewing with more than the usual two marginal cells, the additional ones (or one) being formed by the branching of the radial sector or a cross vein from same to media".

A nova espécie que aqui descreveremos apresenta nervação quase igual a que se vê na figura de *Phacosema gallicola* Kieffer, 1906 e muito semelhante também a de *Udamostigma guineensis* Aulmann, 1912, afastando-a portanto do gênero *Ciriacremum* Enderlein, 1910, cujas asas apresentam distinta célula estigmática.

Eis porque nos sentimos autorizados a criar o nôvo gênero *Phacosemoides* baseado nos caracteres do genótipo.

Phacosemoides g. n.

Cabeça com parte vértico-frontal exatamente como na Fig. 1. Inserção de cada antena (fig. 1) no vértex junto à margem orbital interna, distintamente afastada da base da gena correspondente, a qual quase atinge a margem orbital inferior; a parte mais proeminente dos olhos atingindo uma linha imaginária passando pelos ocelos posteriores.

Tórax e abdome aparentemente como nos demais Ciriacreminae.

Tíbias posteriores com um dente basal de contôrno triangular, um pouco menos saliente que a espessura da tíbia nesse ponto de inserção (fig. 2).

Asas anteriores sem pterostigma e com o sector radial (Rs) e o ramo anterior da média quase se tocando num ponto, porém, aí ligados por curtíssima nervura transversa.

Genótipo: *Phacosemoides Sicki* sp. n.

Phacosemoides Sicki sp. n.

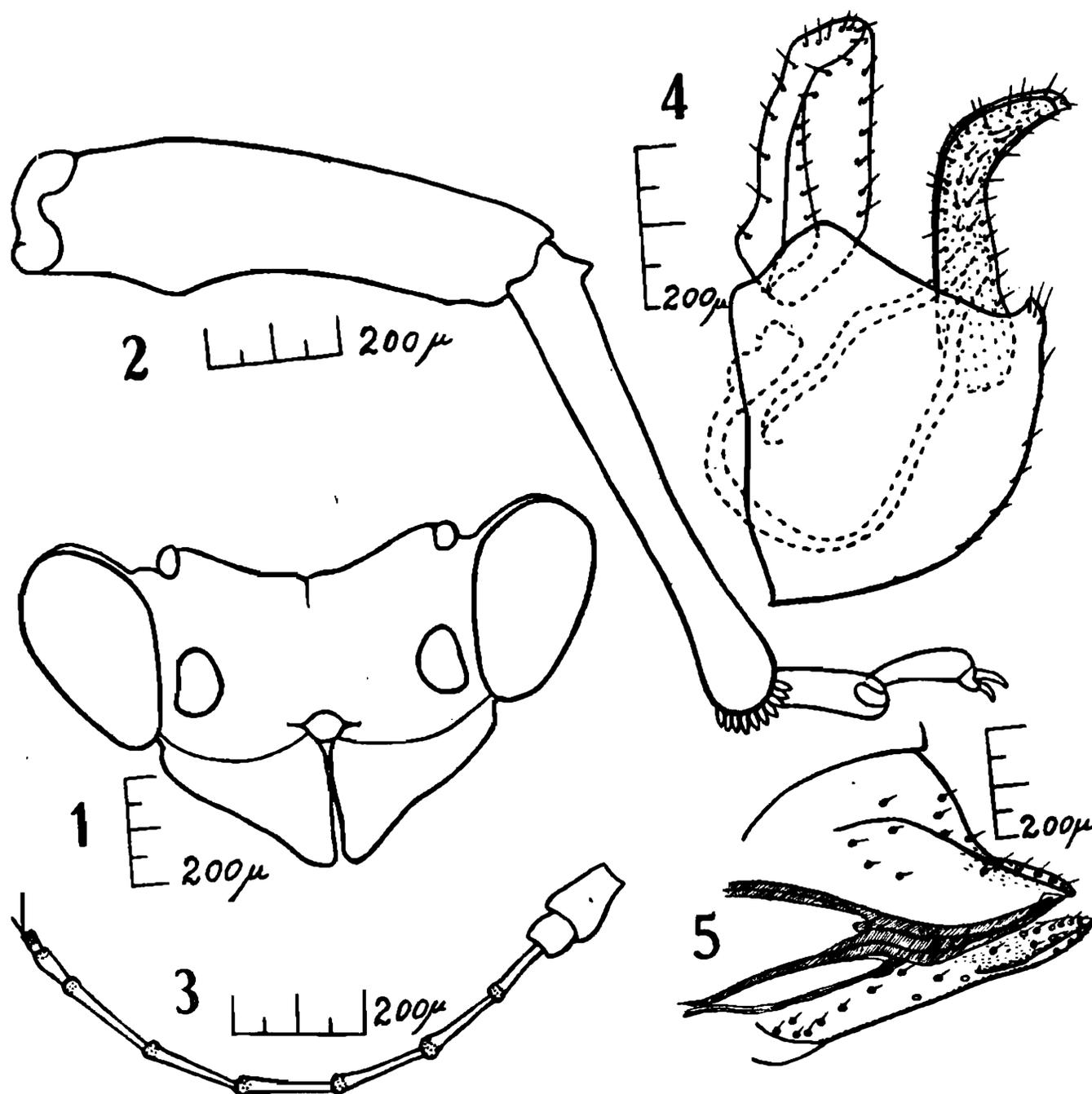
Macho — Comprimento do corpo, do vértex ao ápice do abdome, cerca de 2,5 mm.

Côr geral amarela marfim com faixas ou máculas pardo-escuras.

Corpo (cabeça e tórax) brilhante e pontuado; sòmente a parte ventral do abdome algo brilhante.

Cabeça de côr amarela marfim, vista de frente com o aspecto que se pode ver na fig. 1; na região posterior, ao nível da parte mais saliente dos olhos, tão larga quanto o tórax. Partindo do meio da margem posterior do vértex há uma sutura longitudinal que não chega atingir o meio da distância entre a base e o ocelo mediano e de cada lado, entre esta sutura e o ocelo posterior uma pequena depressão de fundo escuro que se estende até a inserção da antena; antena (fig. 3) inserida muito

perto da margem interna do olho e para trás da linha imaginária passando pela margem inferior dos olhos, Ocelos de cor vermelha. De cada lado do ocelo mediano vê-se uma mácula pardacenta de contornos mal definidos que se confunde para trás com a mácula da margem posterior. Olhos pardo-escuros, conspicuamente salientes para fora e para trás dos ocelos póstero-laterais. A parte do vértex situada entre a inserção da antena e o respectivo ocelo posterior é escavada e de cor parda escurecida. Genas cobrindo a fronte, algo salientes e quase contíguas e com a superfície transversal e finamente estriada.



Phacosemoides Sicki sp. n. — Fig. 1: Cabeça, face anterior fig. 2: perna posterior fig. 3: antena; fig. 4: terminália do macho; fig. 5: terminália da fêmea. (N. Guilton det.).

Pronoto com pouco menos de $1/3$ do comprimento do pré-escudo na linha medianã, em quase tôda a extensão de cor parda escura, apresentando as partes extremas laterais de cor ebúrnea que se confunde com outras marcas da mesma cor nas pleuras e no pré-escudo e mais 3 faixas longitudinais de cor ebúrnea, sendo uma mediana e duas outras, cada uma convergindo para dentro, do ocelo lateral à margem posterior; cada uma dessas 3 estrias prolonga-se sôbre o pré-escudo até a larga área da mesma cor sôbre quase tôda a metade posterior do segmento.

Das duas estrias laterais do pré-escudo partem perpendicularmente 3 estrias mais finas da mesma côr, que não chegam a atingir a estria mediana.

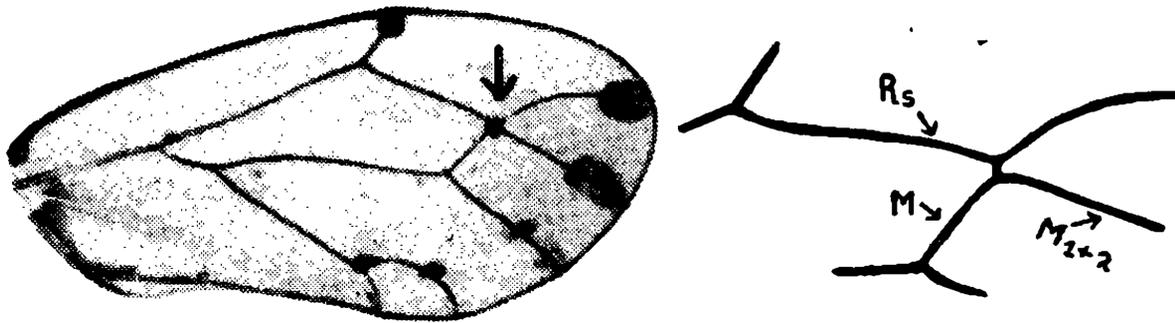


Fig. 6 — *Phacosemoides Sicki* sp. n., asa anterior (cêrca de 26x); ao lado, aumentada, a parte indicada pela seta (Foto de Nilton Azevedo).

Escudo de côr parda escura mais ou menos uniforme, exceto quase ao centro em que há uma pequena área triangular de vértice anterior e de côr idêntica a da área posterior do pré-escudo; êste mais largo que o escudo. Escutelo também de côr ebúrnea, com duas máculas longitudinais sub-paralelas de côr parda escura. Também de côr creme marfim é o meta-escutelo e várias áreas mal delineadas na região pleural.

Quadris e fêmures pardacentos, tendo êstes últimos, do par posterior, um calo no bordo inferior pouco antes da metade do segmento; tíbias e tarsos de côr creme marfim. Tôdas as tíbias apresentando no ápice uma orla de espinhos justapostos na base, mais curtos que o comprimento de uma das garras tarsais.

Asas anteriores maculadas como se pode ver na fotomicrografia (fig. 6).

Abdome aproximadamente do comprimento do tórax, de côr geral creme ebúrnea; cada urotergito apresenta lateralmente uma área de côr parda escura até a margem posterior que entretanto é de côr creme idêntica a côr geral do resto do tergito; no meio dessa área parda lateral há um pequeno traço transversal de côr creme que não atinge as margens de cada urotergito, formando-se assim de cada lado dos urotergitos uma linha creme interrompida na parte dorsal dos urotergitos, acima das máculas laterais, a coloração é de um amarelo mais escuro que a côr dos urostenitos. A parte apical do abdome é totalmente creme ebúrnea exceto os parâmeros que são de côr parda.

Genitália do macho e da fêmea como nas figs. 4 e 5.

Material típico — 5 ♂♂ e 1 ♀ protocolados sob n.º 6063 e guardados em lâminas e no frasco 1708 da coleção do Instituto Oswaldo Cruz, organizada por Costa Lima. No frasco 1708: 1 ♂ holótipo (antena na lâmina n.º 5396); 1 ♀ alótipo (abdômen na lâmina n.º 5397); 1 ♂ parátipo (asa anterior na lâmina n.º 5398); 1 ♂ parátipo (completo); nas lâminas 5388-5389 e 5399 e 5403 (partes do corpo de 2 ♂♂ parátipos).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULMANN, G., 1912, Beiträge zur Kenntnis der afrikanischen Chermiden — (Psylliden). Fauna III. *Ent. Runds.*, 29:35-36, 6 figs.
- AULMANN, G., 1913, *Psyllidarum Catalogus*. 92 pp., W. Junk, Berlin.
- BUCKTON, G. B., 1896, Notes on a new Psyllid. *Ind. Mus. Not.*, 3:18-19, 4 figs.
- CRAWFORD, D. L., 1912, Indian Psyllidae. *Rec. Ind. Mus.*, 7:419-435, pls. 33-35.
- CRAWFORD, D. L., 1914, A monograph of the juping plant-lice or Psyllidae of the New World. *Bull. U. S. Nat. Mus.*, 85:186 p., 30 pls.
- ENDERLEIN, G., 1910, Panisopelma quadrigibiceps, eine neue Psyllidengattung aus Argentinien. *Zool. Anz.*, 36: 280-281, 1 fig.
- ENDERLEIN, G., 1910, Psyllidae in Sjöstedt — Zool. Kilimandjaro — Meru Exp. 1905-1906. 2: 12, 8:137-144, figs. A-B.
- ENDERLEIN, G., 1918, Psyllidologica V. *Zool. Jahrb., Syst.*, 41: 479-486, figs. A-G.
- HESLOP-HARRISON, G., 1951, Subfamily separation in the Homopterous Psyllidae. *Ann. Mag. Nat. Hist.*, (12) 4: 1-35, 8 figs.
- HOUARD, C., 1933, *Les Zooecidies des plantes de l'Amérique du Sud et de l'Amérique Centrale*. Livr. Scientifique Hermann & Cie., Paris.
- KIEFFER, J. J., 1906, Eine neue gallenerzeugende Psyllidae aus Vorder-Indien. *Z. wiss. Ins. biol.*, 2: 387-390, 5 figs.
- SCOTT, J., 1882, On certain genera and species of the group of Psyllidae in the collection of the British Museum. *Trans. Ent. Soc. London*: 466-474, pls. 18-19.
- TUTHILL, L. D., 1943, The Psyllides of America North of Mexico (Psyllidae: Homoptera). *Iowa State Coll. J. Sci.*, 17: 443-667, 19 pls.